

HEGEMONIA RACIAL E O MITO DO SALVADOR BRANCO

SARAH BELTRAME¹; ANDREW OLIVEIRA²; LUCIANE KANTORSKI³

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – sarahpbel@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – andy4597@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – kantorskiluciane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário Merriam-Webster, “white supremacy” (“supremacia branca” ou “hegemonia branca”) se define como “a crença de que a raça branca é inerentemente superior a outras raças e que pessoas brancas deveriam ter o controle sobre pessoas de outras raças”. Uma consequência que também retroalimenta essa crença é o que conhecemos pelo mito do salvador branco, ou complexo ou síndrome do salvador branco, que é, por sua vez, “a crença de que as pessoas brancas estão aqui para salvar, ajudar, ensinar e proteger seus semelhantes não-brancos” (ASARE, 2022).

Nesse sentido, este trabalho busca explorar como a produção cultural e trabalhos voluntários podem servir como dispositivo para estabelecer e fazer a manutenção dessa crença de hegemonia racial, que põe as pessoas não-brancas em posição de miserabilidade e diminuição, além de ter sua individualidade anulada em prol de um protagonismo alheio, servindo de vítimas para os auto-intitulados “heróis”. Faz isso valendo-se dos estudos de autores no campo, como os de BENTO (2022), de THIONG’O (1986) e os de COLE (2012).

Portanto, o objetivo deste trabalho é o de realizar um curto ensaio teórico que problematize e eduque sobre o mito do salvador branco, refletindo sobre essa mazela, suas consequências e sobre outros meios de retratar heroísmo na produção cultural e de contribuir para com a sociedade.

2. METODOLOGIA

O trabalho em questão foi elaborado no formato de um curto ensaio teórico. Para Meneghetti (2011) esse modelo é caracterizado pela permeabilidade que o mesmo permite entre objeto de estudo e autor, onde ambos se interpelam, oportunizando a formação de uma síntese que transforma ambos os agentes, não tendo como objetivo respostas absolutas, mas sim trazer indagações para ampliar o conhecimento científico. Além disso, este trabalho pode ser concebido na perspectiva de uma psicologia teórica (TEO, 2019), um ramo da psicologia que reflete sobre como as teorias psicológicas são construídas, os valores embutidos nelas e os contextos culturais e históricos que moldam o conhecimento psicológico. Metodologicamente, a pesquisa de base para a construção do ensaio fundamenta-se na leitura sistemática e análise crítica de um conjunto de textos selecionados para reflexão e argumentação. Elencou-se, assim, um conjunto de autores para tratar da questão da hegemonia racial e do “mito do salvador branco”, sendo nomes como Cida Bento e Ngũgĩ wa Thiong’o. Da mesma forma, foi analisada literatura e produção audiovisual, integralmente ou por parecer de especialistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em seu trabalho, “O Pacto da Branquitude” (2022), BENTO define a expressão que o intitula com a seguinte formulação: “É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se assim fosse.” Uma das formas da estabilização e manutenção da hegemonia racial branca é a produção cultural, como percebemos no poema de 1899 “O Fardo do Homem Branco” (KIPLING, 1899), em que o eu-lírico declara ser o fardo do homem branco (das nações europeias) salvar os povos que ele define como “metade demônio, metade criança” (povos africanos e asiáticos tomados pelo imperialismo da época).

A produção cultural é, então, desde muito tempo, uma forma de doutrinação que pode ser usada para determinar, inclusive, segundo THIONG’O, em seu livro “*Decolonising the Mind*”, para o próprio povo subjugado que esse povo é inferior e o povo europeu, o homem branco é superior. Nesse sentido, temos como forte exemplo de produção cultural a literatura e a produção audiovisual: filmes como “Lawrance da Arábia”, “O Último Samurai”, “Avatar”, “Dança com Lobos” e “Um Sonho Possível” retratam homens brancos que salvam pessoas não-brancas, sendo elas, nesses casos, respectivamente, árabes, asiáticas, nativos de um planeta alienígena, indígenas e um adolescente preto. Temos nessas produções figuras brancas que são fortes, que em alguns momentos têm de cometer sacrifícios pelo bem-estar das pessoas não-brancas que não conseguem se virar sem seu auxílio (aqui retomamos a ideia do “fardo”) e, assim, temos uma obra permeada pelo heroísmo e nobreza do protagonismo branco.

Fora da ficção, temos o turismo voluntário, em especial os voluntariados na África: é comum e frequente que, mesmo que inconscientemente, esses voluntários busquem autopromoção e exponham crianças em suas redes sociais, além de fazer comentários degradantes sobre os residentes e o lugar onde se dá seu voluntariado. Por ser um problema frequente, a “Academia Norueguesa de Estudantes e Acadêmicos Internacionais” lançou uma cartilha de comportamento para jovens voluntários, em que traz dicas de como ser voluntário na África sem agir como um “branco salvador”: “Tenha em mente que pessoas não são atrações turísticas”, por exemplo. Segundo o escritor e fotógrafo nigeriano-estadunidense Teju Cole, quem, de fato, cunhou o termo “Complexo Industrial do Salvador Branco”, este “não é sobre justiça. É sobre ter uma experiência emocional que valida o privilégio.

4. CONCLUSÕES

A arte imita a vida ou a vida imita a arte? Para o escritor irlandês Oscar Wilde, “a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida”. Essa é uma longa reflexão, mas se Wilde estava certo, então é urgente refletir sobre como retratamos heroísmo e nobreza, sobre como o branco retrata o não-branco - e a si mesmo, o hegemônico retrata o não-hegemônico - e a si mesmo, e sobre como todos recebemos esse conteúdo e deixamos passar em branco a violência contida nele. Nas páginas finais de seu livro, BENTO escreve:

Os brancos, em sua maioria, ao não se reconhecerem como parte essencial nas desigualdades raciais, não as associam à história branca vivida no país e ao racismo. Além disso, a

ausência de compromisso moral e o distanciamento psicológico em relação aos excluídos são características do pacto narcísico.

Os pactos narcísicos exigem a cumplicidade silenciosa do conjunto dos membros do grupo racial dominante e que sejam apagados e esquecidos os atos anti-humanitários que seus antepassados praticaram. Devem reconstruir a história positivamente e assim usufruir da herança, aumentar os ativos dela e transmiti-los para as próximas gerações.

A produção cultural, sendo, como vimos, forma de doutrinação, tem o poder de legitimar ou deslegitimar um pensamento, uma história, uma crença, um mito, o mito do salvador branco, a hegemonia branca. Um passo em direção ao fim dessa hegemonia, refletindo as palavras de BENTO, poderia ser o fim da cumplicidade silenciosa, o reconhecimento e a evocação da história de opressão e horrores. Seria assistirmos a um filme e termos nos conscientizado o suficiente para não aceitar o sucesso de bilheteria e relevância de uma obra em que a diversidade consiste em um branco salvador e seus heroísmos e os não-brancos frágeis, que fazem o mesmo papel de objetos cenográficos. Se não nos deixarmos condicionar pelas imagens de superioridade do branco, então a vida não imitará mais a arte. E se não aceitarmos mais esse mito como verdade, então logo a arte imitará a vida e estaremos assistindo a mais filmes como “Um Lugar Silencioso: Dia Um” (2024), em que a personagem de Lupita Nyong’o, Sammy, uma *mulher e preta*, salva a vida do personagem de Joseph Quinn, Eric, um *homem e branco*, num ato de sacrifício, heroísmo e nobreza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANÔNIMO. **Humanitarians of Tinder**. Tumblr, 2014. Acesso em: 14 Jul. 2024. Online. Disponível em: <https://humanitariansoftinder.com>.

ASARE, Janice Gassam. **What Is White Saviorism And How Does It Show Up In Your Workplace?** Forbes, 30 de set., 2022. Acesso em: 13 Jul. 2024. Online. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/janicegassam/2022/09/30/what-is-white-saviorism-and-how-does-it-show-up-in-your-workplace/>.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KIPLING, Rudyard. **O Fardo do Homem Branco**. McClure’s, 1898.

MENEGHETTI, F.K. **O que é um ensaio-teórico?** Revista de administração contemporânea (RAC). Curitiba, v. 15 n. 2., pp. 320-332, Mar./Abr. 2011. Acesso em: 13 Jul. 2024. Online. Disponível em: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/845/842>.

TEO, T. (2019). **Beyond Reflexivity in Theoretical Psychology: From Philosophy to the Psychological Humanities** (pp. 273-288). In T. Teo. (Ed.). *Re-envisioning Theoretical Psychology*. Palgrave Macmillan.

THE TAKE. **The White Savior Trope, Explained**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w1vuhrFfEkE>. Acesso em: 13 Jul. 2024.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature.** London: Heinemann, 1986.